



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 8 de Março de 1980 * Ano XXXVII — N.º 939 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



O NOSSO JORNAL

Sai sem roupagem festeira este número do 36.º aniversário. Tempos de austeridade! Nem tanto o papel que era o mesmo; nem as tintas que seriam um pouco mais...; mas o trabalho. Este ano o serviço militar dizimou-nos as hostes tipográficas. Estamos quase num recomeço. A oficina, graças a Deus, cheia de trabalhos. Temos de poupar a cor que equivaleria a duas tiragens.

Porém, o prato forte da festa de anos mantém-se: São as duas páginas interiores cheias de colaboração dos leitores. Vai um sargento. Vai um ge-

neral. Vai um doutor que deixou em Lourenço Marques uma biblioteca de 14.000 volumes. Vai uma empregada doméstica. E um emigrante provado pela doença e por dificuldades económicas. Vão jovens preocupados pelo futuro... Vai o Povo com sua justificada inquietação pelo presente. Acção de graças e esperança temperam queixas. São os condimentos próprios do «Famoso». Não vão angústias escondidas e particulares, de tantas que aí chegam em desabafo e pedido de auxílio, sejam de origem económica, sejam por razões familiares, posto pudessem ir porque quase todas transcendem o caso e se inserem num contexto universal que, mais ou menos, toca a todos nós.

Na verdade, Pai Américo imprimiu ao jornal — e à Obra — um carácter indutivo. Os problemas que se denunciam são incarnados. Denunciam-se para uma solução. E na medida em que se vão resolvendo, deixam-nos a certeza de que se os homens quisessem, se se dispusessem sincera e confiadamente a lutar contra a inércia e a força paralisante dos grandes números; se entraria na pista de um saneamento universal de muitas espécies de feridas que afligem o corpo da Nação.

Estamos a ouvi-lo no Coliseu do Porto em 1954: «Que vai ele fazer?...» — perguntavam os desconfiados e alguns de má-fé quando abriu a primeira Casa do Gaiato. «Vai salvar um... vai salvar dez...?» «Um só que fosse e valeria a pena! Mas eles são tantos! Mas eles são tantos!»

E referindo-se ao problema da habitação e constatando a pujança com que crescia o Património dos Pobres, idêntica conclusão: «Tivéssemos começado há 50 anos, Comércio, Indústria, Navegação...; em vez de pôr e sobrepor, pôr e sobrepor, tivéssemos escutado os gemidos do tugúrio e começado a construir casas para os desalojados — outro galo, hoje, nos cantaria!»

E pensando no Doente incurável: «Um pavilhão ao lado de cada Hospital para acolher o Doente sem cura. Pois se é triste não ter onde viver, quanto

o não é não ter onde morrer. Começar, caóticamente, aonde puder ser, como puder ser...» «Preguiçosos!» — rematou Pai Américo.

Na verdade, tudo aquilo que começa, compromete e arrasta à prossecução. No princípio, remediar, ir remediando... Começar pela fachada, não. Quer resolver tudo de uma vez é igual a nada resolver. Fosse ouvida esta voz de bom-senso que soou em Pai Américo e se exprimiu em todas as suas realizações e não teríamos o Calvário assediado por multidão de necessidades para que é ainda hoje a única resposta.

Como começou a hoje célebre Madre Teresa de Calcutá? Como o P.e Pedro de França? Como o P.e Damiano dos Leprosos na Oceania? ou o Dr. Schweitzer em África?

O GAIATO tem sido porta-voz deste bom-senso, motor das obras verdadeiras. «Revolucionário» sim, mas não do bota-abaxio. Estou a lembrar-me outra vez do Património dos Pobres. Ele nasceu da angústia da barraca. O cerimonial de entrega de uma casa passava pela destruição da cortelha, antes mansão de morte da Família agora libertada. «Quem dá uma casa, tem o direito de destruir uma barraca» — eis a fórmula reivindicativa que Pai Américo invocava como um dever, Primeiro construir, depois deitar abaixo. Deitar abaixo o quê? Espeluncas. Tão diferente da denúncia negra que cuida depender da destruição de homens o elevar de outros e nada mais faz senão destruir!

As obras autênticas assumem o verbo construir. Constatam por si próprias. Apon-tam o erro com a posição da verdade. Emendam-no com a cor verde da Esperança e então, sim, ele aparece sublinhado com a cor natural do sangue injustamente feito ou permitido.

Esta é a Escola de O GAIATO. Três dúzias de anos dizem que sim. Ele é, certamente, a obra primeira da Obra da Rua. Esta tem feito muito bem a muita gente. O GAIATO multiplica-o e divide-o por uma mul-

Cont. na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

«Todos nós devemos trabalhar pela libertação dos nossos Irmãos. Defendê-los. É este o sentido cristão da sociedade. Esta é feita, dirigida e mantida para o bem-comum. Que diversidade de membros no corpo humano! E se um se queixa, o todo sofre! Pois bem. Trabalhemos.»
(Pai Américo)

Não nos podemos iludir. Os grandes problemas da humanidade só se resolverão se as normas morais forem observadas. O da justiça no Mundo é essencialmente uma questão moral. Todo o direito positivo se não tem em conta o direito natural pode ser uma hábil arquitectura de princípios lógicos mas de pouco servirá, quando não conduzir, até, ao despotismo mais refinado.

«Viver a Quaresma em esforço de libertação e de partilha» é o lema da mensagem de João Paulo II para este período forte da vida cristã. O homem só se realizará na medida em que procurar desembaraçar-se das peias que o lançam no egoísmo e vencer em solidariedade todos os obstáculos que o levam a desrespeitar e a desservir a pessoa humana, que há em si e nos outros. No Decálogo e nas Bem-Aventuranças o cristão encontrará as normas e os métodos de agir, os princípios e os fins, as regras-base de vida e o sentido da autêntica comunhão.

Madre Teresa, essa Mulher forte à medida do Evangelho, considera a pobreza espiritual mais difícil de vencer do que a pobreza física. A segunda desaparecerá quando as pessoas aprenderem a partilhar e o Amor for uma constante na vida dos homens. Todavia, sem um mínimo de condições materiais, não é possível falar dos valores do espírito. Há aqui uma interdependência lógica. Pregar a estômagos vazios não faz sentido, sobretudo quando se vive na abundância e no esbanjamento.

Para um cristão a primeira de todas as revoluções é a conversão a Jesus Cristo. E «servir a Cristo é ir ao encontro do homem», assinala João Paulo II na «Redemptor Hominis». A busca da partilha e a sua realização concreta é uma das atitudes evangélicas indispensáveis, já de si libertadora e libertante. «Trabalhar pela libertação dos nossos Irmãos e defendê-los é o sentido cristão da sociedade», como acima refere Pai Américo. Mas cada

um, ao tentar libertar os Outros, sobretudo os mais pobres e os mais desprotegidos, também se vai libertando cada vez mais, e vice-versa.

Há que conseguir estruturas sociais eficazes e justas. Isso não se cria, porém, com «slogans» ou verborreias demagógicas. É fruto do empenhamento e compromisso, totais e perseverantes. A justiça para se realizar deve ser antes um estado de espírito e este não o será se pensarmos só em nós, sempre em nós, e nunca nos Outros.

Partilhar do supérfluo será difícil para muitos. Dar do que nos faz falta não será para todos. De qualquer modo não podemos ficar insensíveis ante as tragédias e as carências que nos rodeiam. E o pecado da insensibilidade não será o menor daqueles que nos escravizam. Como diz Pai Américo: «a maior parte dos chamados cristãos habitua-se, perde a sensibilidade e não sente este

Cont. na 4.ª página

COLABORAÇÃO

O «FAMOSO»

«Junto envio esta quantia para satisfação da anuidade de O GAIATO, meu companheiro desde o seu início e que espero me acompanhe nos últimos dias do meu exílio.»

«Graças a Deus, cá venho de novo cumprir no mínimo a minha obrigação — apenas um pequeno aceno de reconhecimento por quanto recebemos.

Dou comigo inúmeras vezes a meditar no interesse que tenho na leitura de O GAIATO e é curioso observar que nunca pus em dúvida a sua continuidade, ao contrário do que já me tem acontecido com outras publicações, mesmo com raiz religiosa, através do conteúdo ou das pessoas que as servem. É que é tão límpida e real a sua mensagem que cativa de uma forma irresistível.

Obrigado por tudo, amigos. Que Deus esteja sempre convosco, para vós estardes sempre connosco.»

«Há dois dias enviei um cheque e peço para não porem o meu nome em O GAIATO, que

leio de fio a pavio. Sou assinante há muitos anos; mas este ano que acabou não me lembro de ter pago a assinatura. Como tive um aumento na minha reforma, o mês passado, resolvi repartir com os meus irmãos mais pequeninos e, é claro, O GAIATO estava à cabeça da lista.

É pena que o jornal não seja lido por toda a gente, pois certamente teríamos mais paz, se assim fosse. Eu, quando acabo de o ler, dou-o a um rapaz de 14 anos que vive no meu prédio. Oxalá dê resultado.»

«Venho comunicar que uma senhora, daqui de casa, assinante de O GAIATO desde há muitos anos, está cega por completo, por isso impossibilitada de ler esse maravilhoso jornal que tanto gostava. Assim, peço o favor de mudarem essa assinatura para o meu nome.

Sou empregada doméstica dessa senhora, com quem vivo há 11 anos. Sempre que nos chega, eu leio O GAIATO da primeira à última linha.

Tenho 32 anos e a minha única distração, assim como a da minha senhora, é o vosso jornal que nos traz sempre

uma riquíssima leitura; a Rádio Renascença de quem sou também uma apaixonada, e uma revista que recebo de Fátima.

Termino pedindo desculpa da minha má escrita, pois que só tenho a 3.ª classe.»

«O GAIATO é sempre lido de fio a pavio quando chega. É um banho de bondade que nos faz bem.»

«Eu tinha posto o vosso jornal em nome da minha querida Filha, para que um dia que eu morresse, a assinatura perdurasse por mais anos. Infelizmente Deus quis chamar a minha Filha antes de mim. Por desgraça minha, portanto, pelas mesmas razões agora ainda mais evidentes, passo a assinatura para a minha neta. Compreendido?»

«Há muito que penso escrever, mas sempre me falta a coragem por não ter possibilidades de dar um modesto auxílio a essa maravilhosa Obra, que conheço desde que fiz meu filho assinante do nosso admirável «Famoso» — e ele já fez 40 anos!! Vou a caminho dos 80, mas enquanto tiver uns resquícios de memória, sempre farei alguma modesta tentativa para vos não esquecer.»

«Quero dizer que quando chega o vosso jornal, tenho que imediatamente deixar o que estiver a fazer para passar os olhos por todo ele, para depois, mais tarde, com mais vagar, o ler de ponta a ponta. É como se chegassem notícias de um familiar ou de um amigo muito querido. E como fico emocionada ao ver as fotos de casamento dos vossos rapazes que vão assim constituir o seu lar próprio! E então penso: — Que seriam esses rapazes sem a vossa Obra?! E que pena, sendo ela tão grandiosa, seja afinal pequena para tanta necessidade...!»

Como já disse, tenho duas filhas e desejaria que todas as crianças do mundo tivessem o que as minhas filhas possuem: comida, roupa, uma casa, e o amor e carinho dos pais e dos familiares. É um sonho impossível de realizar. No entanto, não devemos deixar de lutar por isso, com todas as nossas forças; e com a ajuda de Deus talvez isso

algum dia possa ser realidade.»

«Junto envio um cheque e a promessa de ir cumprindo enquanto Deus deixar.

Acabei agora de ler O GAIATO e não resisto à tentação de vos dizer que ele é cada vez mais — melhor e maior — embora eu fique sem-

pre com a sensação de que a leitura se fez tão rapidamente...»

«O que mais me angustia é o pedido de cancelar a minha assinatura do jornal! Não posso ler as letras miúdas e do último livro que me mandaram — «O Calvário» — não pude ler nem uma letra!»

Evocando Pai Américo

«Quase todos os dias atravesso a Praça da República (antigo Campo de Santo Ovídio) no Porto.

Muitas e muitas vezes paro aí, buscando refrigério, junto à estátua do Padre Américo, nessa praça erigida — e penso. Penso na sua vida, na sua lição, no bem que fez a tantos seres humanos. Lição que nos deixou e que perdura. E perdura cada vez, com mais força, nestes tristes tempos de desvarios, egoísmos loucos, faltas de caridade, demagogias. Faltas sobretudo de amor com A grande.

Frente à estátua de Pai Américo — penso. E penso no destino desses seres de excepção: Padre Américo, Irmã Teresa de Calcutá, Dr. Schweitzer; e como nos fazem sentir tão pequenos, tão inúteis, na lufa-lufa das nossas tristes vidas, das nossas ridículas antevisões, das nossas pequenas ambições terrenas!

Vi-o uma vez na antecâmara de um Ministro, donde safa certamente com novos auxílios para os Pobres.

Santo Padre Américo, como todos lhe devemos, material ou espiritualmente! Como essa rajada de luz ainda se faz sentir em tanta gente, Deus seja louvado!

Por tudo isso, julgo imprescindível a companhia de O GAIATO, para ler a lição que af nos é dada, e ter o conforto do amor, lido em cada sua linha. E nele sentir o Padre Américo e a presença dos seus dedicados seguidores, em comovedora presença quinzenal.

«Sou admiradora, há muitos anos, da Obra do P.e Américo. Já em solteira eu lia O GAIATO, comprado aos pequenitos «ardinas» que vendem o jornal nestas ruas de Lisboa. E o estilo do P.e Américo agarrava-me, a sua mensagem deixava-me inquieta.

Depois, já casada e a viver

no Funchal, ouvi o P.e Américo numa noite memorável. Mais tarde, muito mais tarde, quando o Senhor quis chamar meu filho mais velho (que difícil conseguir aceitar, dizer o Fiat, serenamente, ao separar-me do Paulo, jovem universitário de 18 anos, que, no seu sofrimento atroz, me deu uma lição de coragem inesquecível), entreguei a roupa do falecido na Casa do Gaiato.

Mas, agora, quero mais directamente ajudar a Obra da Rua. Presença que será anónima e, espero, pontual. Pelo correio, segue um vale para ajudar em qualquer coisa. No próximo mês e nos seguintes, se Deus quiser, outros se seguirão.

Eu é que vos fico agradecida.»

«Gosto muito de falar para vós. Amo do coração a vossa Obra. Fui sempre um grande admirador de Pai Américo. Tive o prazer de o conhecer em vida. Assisti ao seu funeral na Igreja da Trindade, do Porto, donde sou natural. Mas nunca deixei de admirar a Obra e os seus continuadores que revitalizam a semente deixada nesta grandiosa herança de procurar melhorar a situação do Pobre, enriquecendo o seu corpo e o seu espírito.

Deus sabe e muito gostará de saber que essa Obra será para sempre. A alma de Pai Américo também ficará feliz na sua paz celestial. Aos colaboradores e continuadores desta Obra, a minha sincera gratidão.»

«Foi em Lourenço Marques, na Associação Indo-Portuguesa, a mais antiga casa regionalista de Moçambique, que conheci o Padre Américo e logo

VOZ DA JUVENTUDE

«Leio O GAIATO como leio a Bíblia, o qual adoro por saber que ainda existe um pouco de amor e paz entre os homens. Sou uma jovem com 18 anos. Sou empregada doméstica. Na casa onde trabalho são assinantes do jornal e eu sempre que apanho uma vauinha cá o estou a ler. Desperta em mim uma grande alegria de viver cada dia o meu dia de amor, amando cada vez mais o Próximo que me rodeia.»

«Sou aquela menina que agora tem 14 anos e estou no 9.º ano de escolaridade (5.º ano), mas nas horas vagas também trabalho, como ainda vos deveis lembrar.

Sou aquela menina que não se esquece de vós e que tem ajudado com umas migalhinhas, mas de muito boa vontade.

Hoje mesmo vou mandar outra e quero ser assinante do vosso jornal. Vou mandar 200\$, 100\$ para a ajuda de um órgão que precisais para o vos-

so conjunto (até é uma vergonha mandar esta migalha!), mas desculpem, neste momento não posso mais; os outros 100\$ são para a assinatura. Caso não cheguem, é favor dizerem quanto falta.

Eu também gosto muito de música. E sei tocar piano, mas não o tenho, só toco na minha professora; pois ela dá-me licença para a minha mãe e outras pessoas irem lá para me ouvirem tocar e, assim, me vou satisfazendo.»

«Venho dizer que, desde que sou assinante de O GAIATO, a vossa Obra veio mudar muito a minha maneira de pensar. Em especial depois que li «O Calvário». Por falar no «Calvário»: era um livro que eu gostava de possuir para mim, pois o que tinha delo num hospital. Gostei muito. Arranjei um grupo de rapazes que todos os meses vamos contribuir para a vossa Obra.»



DOS LEITORES

OBRA da RUA

«Como vai longe o tempo em que, sempre que ia ao Porto com equipas militares que tomavam parte em campeonatos desportivos, ao mostrar-lhes as belezas da região, não deixava de os levar à Casa do Gaiato. A «invasão» pacífica das fardas chamava a atenção dos gaiatos e até do Pai Américo, que descia da sua varanda a conversar connosco. Se muitos, por então nunca terem ouvido falar da Obra, entravam desconfiados com a minha sugestão de aí os levar, era difícil arrancá-los para cumprirmos o horário do regresso — e, no autocarro, a caminho do Porto, no tom das conversas e no silêncio de meditação a que outros se entregavam, eram visíveis o «choque» que a visita neles produzira e o «fruto» que começava a germinar.

Se recordo estas imagens já com muitos anos, é porque são os meus últimos contactos directos com a vida tão autêntica das Casas do Gaiato. E, no fundo, a saudade a falar.

Desculpe, roubar-lhe tempo com esta evocação do passado, mas ela é mais um peque-

no testemunho daquela verdade de que o exemplo fala e convence sem palavras — do bem que espalham, simplesmente por existirem as Casas do Gaiato.»

«Gostaria de poder repartir convosco muito mais, mas como não me é possível, faço aquilo que está ao meu alcance: pedir ao Senhor Jesus, na santa Missa, por todos aqueles que continuam a manter viva a Obra de Pai Américo, em espírito de doação, de sacrifício e alegria em Cristo.

Aqui, na minha igreja de Olivais Sul, os padres que o Senhor tem ao Seu serviço, são grandes admiradores de Pai Américo, coisa que nem sempre acontece com grande espanto meu.

O GAIATO é uma carta de família que se espera ansiosamente. Raro é o dia em que não leio algumas páginas dos livros de Pai Américo.»

«A minha ida à vossa Casa, pela primeira vez, depois de

tantos anos de espera, foi muito rápida e pouco vi, mas ficar-me-á sempre na lembrança. Eu própria pedi ao pequeno Morais que nos fosse mostrando algumas casas, entre elas a Capela e a piscina. Como era dia de semana, estava tudo no seu trabalho. Eu queria era ver-vos por dentro, conviver, viver a vossa vida um dia convosco. Espero que um dia isso me possa acontecer. A vossa quinta é linda e a Obra grandiosa. Tudo respira paz, amor, disciplina e liberdade. Mas ficou-me uma sensação de vazio. Queria encher-me de vós para que a minha alma possa subir cada vez mais alto. Ambição desmedida a minha, para quem é tão pobre e simples. Eu não faço parte dos escolhidos para

VOZ de EMIGRANTES

«Há muito que gostava de ler as vossas notícias, mas nunca me foi possível entrar em contacto com a vossa Casa. Então, através de um jornal que assino, pedi se me sabiam dar a vossa morada, o que consegui.

Gostei sempre da Obra do Padre Américo e admiro-a muito, porque para mim é uma daquelas grandes Obras de bem-fazer.

Que Deus vos dê sempre muita coragem para enfrentar todos os grandes obstáculos que tendes na vida.

Desde já me despeço com a maior amizade de sempre. Não vos posso ajudar muito materialmente, que tenho 3 filhos e desses 3 a minha filha mais velha, com 17 anos, nem fala nem ouve e sou sózinho a trabalhar; e também sou muito doente do coração, que já tenho uma invalidez de 70 por cento; mas naquilo que eu puder estarei sempre ao vosso dispor.»

trabalhar na vinha do Senhor, embora esse fosse o meu maior desejo; mas o meu lugar é aqui e agora, nesta mediocridade e nesta luta aparentemente inútil, nesta monotonia que atrofia, neste desalento de me sentir presa e não poder abrir os braços.

Peço perdão deste desabafo e do tempo que fiz perder; mas, apesar de ovelha desgarrada, quero continuar a fazer parte do rebanho.

O vosso pequeno jornal ajuda-me muitas vezes e a vossa Obra extraordinária vai-me dando forças nalgumas horas de desalento. Parecendo que sou eu a ajudar com algumas dádivas, sou eu afinal que recebo.»

«Sou assinante de O GAIATO não sei há quantos anos; só sei que tive a feliz dita de conhecer a providencial Obra ainda no tempo do nosso santo Pai Américo. Ligam-me, pois, a ela vínculos que mal sei definir, muito menos reconhecer. Como compensação, desejo que meus filhos a venham a amar mais que eu. É, pois, natural que tenha muitas ocasiões para falar dela.»

«Há tanto tempo que ando para vos escrever! Melhor, para pagar a minha dívida. Mas penso que seria ofender-vos se junto do dinheiro não fosse

ao menos duas palavras singelas de apoio à Obra, de incentivo aos que nela trabalham, de gratidão pelo bem que fazem.

Passaram Natais, passaram Páscoas e eu não tive tempo! O pecador nunca arranja tempo para se reconciliar...

Aqui estou tentando ajudá-los com o meu contributo; mas ainda mais com palavras que gostaria de transmitir e que vos estimulassem, vos reconfortassem, vos recompensassem.

Rezo para que o Menino Deus vos abençoe, vos guie, vos ajude nas dificuldades.

Por mim agradeço o envio de O GAIATO — o único jornal que sempre me faz chorar — e dos vossos livros, sobretudo os que escreveu o Padre Américo, que tanto nos tocam o coração e que tanto aprecio.»

«Uma palavra de estímulo e de coragem para sentirem forças e conseguirem, assim, continuar e aumentar essa tão sublime Obra que Pai Américo deixou a esta gente deste País tão arredado dos valores sociais e humanos. E estou certo que a força da vossa vocação vencerá as dificuldades e desânimos que a própria vida sempre apresenta a todos nós. Com o carinho para todos os gaiatos, vai um abraço de coragem e de amizade para todos dessa vossa Casa.»

fui tomado duma intensa admiração pela sua personalidade e pela sua Obra. Conversei com ele cerca de três horas; e de tudo quanto me foi dado ouvir, fiquei com a certeza que era dos poucos que não haviam perdido o seu «rosto humano», cousa raríssima neste mundo transformado hoje numa rotunda pança, onde impera o ódio, a fúria e a crueldade. Passados anos, tive notícia do seu falecimento.

Fui assinante de O GAIATO e num dos seus números vi transcrito o seu testamento, obra notável de ternura, de saber bíblico, e amor por todos que choram e sofrem neste dementado universo. Guardai, avaramente, esse número; arquivai-o num dos meus «dossiers».

Fui desapossado de tudo; mas o que me fere fundo na minha alma é o ter deixado, em Lourenço Marques, a minha biblioteca. Dentro de tudo ficou o «dossier» onde estava arquivado o testamento do Padre Américo. Necessitando dele, para estudo e reflexão, e para o levar ao conhecimento dos meus filhos, solicito envie, com a maior celeridade possível, o número do jornal onde foi transcrito ou

uma cópia dactilografada. Ele não pode ficar perdido e mudo nas páginas dum jornal. É necessário dar-lhe a publicidade que merece, nestes dias de tristeza em que o nosso próximo se transformou numa fera furiosa e enraivecida, desconhecendo os alicerces morais da nossa vida espiritual e desconhecendo, até, os valores da nossa presença cultural.

Não sendo cristão, no sentido teológico do termo, sou, no entanto, cristão, no sentido sociológico. Descendendo de goeses, não podia deixar de ter incrustado no fundo do meu ser um sentimento religioso da existência, aquilo a que A. Huxley chamou, com propriedade, «o sentido cósmico da religiosidade». Aliás, todos nós, filhos da cultura greco-latina, mesmo quando nos dizemos livres pensadores ou agnósticos, estamos mergulhados na ética dum cristianismo laicizado; somos cristãos, quer o queiramos ou não. Esta é a verdade, que os que pretendem destruir o Absoluto não vêem, porque não querem ver, por terem os olhos do entendimento toldados de malícia e de ignorância.»

As nossas Edições

«Escusado dizer como admiro a Obra e a pessoa do nosso Pai Américo e, nos poucos momentos que tenho livres, saboreio todas aquelas páginas dos livros que tendes a bondade de me continuar a mandar.»

«Participo que recebi o livro «O Calvário». Já o principiei a ler e gosto dele, mas ainda não cheguei ao fim. Mais uma Obra pobre, mas valente, para acudir aos desamparados e aos famintos que não têm nada neste mundo; só a fome e a miséria, desamparados até por familiares! Quem faz o bem, é mandado por Deus e d'Ele há-de receber uma grande recompensa.»

«Grata pelo vosso livro «O Calvário», que reputo como o melhor de todos os livros que

tenho, porque me toca mais profundamente. Consegui desfazer certa ferrugem que emperrava a minha vontade de mais e melhor.»

«Para pagamento da assinatura do vosso jornal, em nome de minha mulher junto um cheque.

Em tempos enviaram-nos dois livros do Padre Américo que julgo ainda não foram pagos, pelo que solicito o favor de o fazerem com o valor agora enviado.

Se algo ficar ainda em dívida, agradeço o favor de indicarem, mas prometo que vamos fazer o possível para que estejamos sempre em dia com a assinatura..., pelo menos.

Pela Obra feita, vai o meu «Bravo» com votos de que nunca se deixem abater por aqueles que nada fazem em prol dos que necessitam.»

TRIBUNA DE COIMBRA

Hoje vamos partilhar em comunhão íntima com a senhora que escreveu esta carta:

«Em primeiro lugar saúdo-vos de todo o coração. Sou assinante do jornal O GAIATO e estou a escrever para vos pedir um grande favor.

Tenho uma vizinha que é muito pobre e doente dos pulmões e o marido dela está já há três anos metido numa cama com uma trombose que lhe afectou a cabeça. Têm onze filhos, sendo três casados. Uma delas já o marido se divorciou e ela agora anda por aí e até já tem uma filha dum rapaz qualquer. A outra, que é a mais velha, tem quatro filhos e o marido deixou-a já há muito tempo e nunca mais apareceu. Os filhos estão com os avós, mas eles não os podem ter, porque a miséria é tanta e ainda têm filhos pequenos.

A filha, mãe dos quatro pequenos, não se importa com eles, porque arranjou outro ho-

mem e até já tem uma filha dele. O pai dos pequenos ninguém sabe aonde ele está, porque outro dia veio aqui à minha porta a Guarda perguntar por ele, o que já não é a primeira vez, mas ninguém sabe dele. É só prisões que ele tem, por infelicidade andam sempre à procura dele por isto ou por aquilo.

O mais velho dos quatro pequenos tem onze anos, anda na Escola na 1.ª classe e vai quando quer e foge à Escola, não tem respeito nenhum a ninguém. Outro tem oito anos, anda na 2.ª classe e também quando não quer não vai. Os outros são mais novos e todos eles falam muito mal.

Eu quando tenho roupas dos meus filhos dou-lhes e às vezes até algum comer. No Natal fui fazer compras e comprei pares de calças para os mais novos.

Houve aqui outra vizinha que lhes deu dois colchões para eles dormirem.

Venho escrever, pois gostava muito que se pudesse fazer alguma coisa por estas crianças. Isto tudo bem contado até faz chorar as pedras da rua.»

E a carta diz ainda muitas coisas mais, mas estas devem bastar-nos para meditação. Meditação cristã neste tempo da Quaresma, tempo de conversão e de reconciliação.

Vamos meditar nalguns temas desta carta: um casal doente com onze filhos, oito deles ainda em sua companhia e tem de aceitar os quatro netos. O divórcio que parece ser remédio, mas continuará a ser remédio provocador de mais e mais graves doenças.

A falsa libertação do casal.

O abandono tão simples dos filhos.

Ai de nós e ai da nossa sociedade se não meditarmos e não nos convertermos e não fizermos a reconciliação uns com os outros!

Se os nossos corações não se arrependem e chorarem, hão-de chorar por nós «as pedras da rua».

Os doentes e as crianças continuam a ser as grandes vítimas. Jesus Cristo, ainda pequenino, continua a ser perseguido e a ter de fugir da Sua terra. Jesus Cristo já adulto — o Homem das dores — continua a ser crucificado pelas injustiças dos homens Seus irmãos.

Com esta carta chegaram-nos outras. A todas tivemos de dizer não. Um não sangrento. Temos a Casa cheinha como um ovo!

Padre Horácio

O NOSSO JORNAL

Cont. da 1.ª página

tidão incontavelmente maior. A Obra tem matado fomes de muitos. O GAIATO tem levado a muitos mais a fome e sede de justiça que os acorda e determina a uma renovação de critérios e à partilha com certeza indispensável, mas tanto mais eficaz quanto mais livre.

Há tanto que fazer! Não se diga que não se sabe como! Não se diga que não há com quê! Há 36 anos que O GAIATO o proclama, usando a palavra do Profeta, sempre profética: «Dá-nos, Senhor, um coração novo e um espírito novo». E renovaremos a face da Terra.

Padre Carlos

AQUI, LISBOA!

NOTAS DA QUINZENA

□ A palavra mãe tem em si o sabor do amor e da poesia. Sabe bem dizê-la, ouvi-la e escrevê-la. Tem a grandeza do mistério à mistura com a simplicidade da vida ao nascer e ao crescer...

A palavra primeira da vida do homem não é outra. É novidade! E nada de novo aqui foi dito. Outros disseram e bem melhor! Apesar disso tudo, contradições há nesta vida que opõem a missão de se ser mãe com a dignidade de o ser até às últimas consequências. A mãe que escondeu para sempre ao filho o seu rosto — talvez o mais belo do mundo! — atrás da vergonha ou do preconceito social que «mancharia» a sua condição de mulher só ou de mais alguém. Filho e mãe sós, na solidão de um tal sofrimento... Que estranho sofrimento! Existe.

A mãe que concebeu, deu à luz e depois converteu o seu filho num objecto comercial negociável daqui para acolá. Que estranho negócio! Existe.

A mãe que alimenta seu filho com biberões de aguardente — a bebida mais preferida dela. Que estranho alimento! Existe.

Isto não é normal. Nem sequer nas espécies mais imperfeitas dos reinos da Natureza. Porquê, então, no homem? Este homem feito para comungar a ordem e a beleza de todo o Universo. Este homem feito para comungar, até às últimas consequências, o amor de se dar ao Outro. Este homem feito para comungar a vida de Deus.

O homem é feito para a comunhão... Se esta não existe, nada a substitui. Vem o abandono. A prostituição. O alcoolismo. Onde está o sujeito da culpa? Aqui, é implícito. Sei lá. Ninguém sabe. Cada um olhe para dentro de si. Não diga nada. Nem é preciso... Deus dirá, através de cada consciência. É a razão da justiça. A justiça do homem, como indivíduo ou sociedade. Apetecia-me dizer que nos condenamos individualmente e que nos salvamos comunitariamente. Deus julgará a todos os homens e a cada um, também, segundo o bem-comum assumido em consciência. O espelho de cada vida! Tal e qual!

□ O «Bombeiro» é um pequeno rapaz, frágil e indefeso. Criado com os vícios da mãe, empalideceu o rosto e a inteligência. A escola vai ser um quebra-cabeças para ele. A mãe, da última vez que cá veio, fez-nos um pedido: — «Eu queria que o menino fosse advogado, porque o pai dele tem possess». Oxalá faça a Primária, nem que seja como adulto! A mãe não pensa assim e, às vezes, traz-nos doces e ralha muito connosco.

Padre Moura

Cont. da 1.ª página

pecado». Que a Quaresma agora iniciada seja efectiva e decididamente tempo de conversão, vivendo-a, cada um de nós, em esforço sério de libertação e de partilha e levado a fazer nossas as palavras do Apóstolo: «Quem está doente, que eu também não esteja? Quem há aí que sofra e eu não?» Trabalhemos.

■ Faz pena ler os duelos verbais, inconsequentes e inúteis, quiçá ao sabor das vaidades ou de caprichos irresponsáveis dos senhores Políticos. Quando há tantos problemas sérios a resolver e carências a satisfazer neste pobre País, desde a falta de casas ao desemprego, desde uma cobertura eficaz médico-medicamentosa aos problemas educacionais, passando pelas questões da terceira idade ou da juventude, etc., etc., é com pesar que assistimos, tantas das vezes, como que à discussão sobre o sexo dos anjos... Responsáveis deste País, de todos os Órgãos e Poderes, vamos todos gastar menos saliva e tinta, e encontrar soluções dignas e capazes para o bom Povo de que todos fazemos parte e que tanto sofre. Trabalhemos!

■ Ansiamos por um sistema de segurança social que possa responder às necessidades de todos. Há muito a fazer nesse capítulo, como aliás noutros, também, basilares. Confrange, porém, o grau ele-

vado de absentismo que se nota nos mais variados sectores e a maneira inconcebível como se concedem baixas, sabendo nós que muitos dos «doentes» estão de excelente saúde e a trabalhar, mesmo a trabalhar, noutros locais. São indispensáveis drásticas medidas de saneamento moral, que a correrem as coisas como até agora, não haverá previdência social que agente tais encargos, com manifesto prejuízo de providências, de assistência e de protecção indispensáveis, como, por exemplo, a da existência de pensões e de abonos de família justos.

Congratulamo-nos com a criação de prémios de assiduidade ou de produtividade, aliás já existentes nalguns sectores. Queira Deus, porém, que os sofismas não desvirtuem as intenções. É que sem trabalho não podemos criar riqueza e, sem esta, não será possível distribuição mais equitativa e promocional, sobretudo em relação aos mais fracos e desprotegidos. Que os mais privilegiados têm sempre defesa!

■ Passámos ao Chiado. Olhando a estátua do Épico, sempre motivo de reflexão e de respeito pelos valores que consubstanciam a génese e o ser da Terra que nos viu nascer, e que desejaríamos fossem ponto de encontro de todos os homens, para lá das suas divergências ou opções ideológicas, demos conta que a lavavam com agulhetas e a escovavam. Gostámos. Um homem simples, do Povo anónimo, comentava para um ardina de meia idade com satisfação. Tornámos a gostar. Como portugueses e educadores, ainda que simples e pobres, fizemos também uma prece. Que ninguém se arrogue em monopolizar o Poeta, que ele é de todos nós.

■ FESTA — Confirmada a data e a hora. No Cinema Monumental, dia 11 de Maio, pelas 11 horas. Bilhetes à venda, dentro em breve, nos locais costumados. Um aviso: primeiras e segundas filas só há uma em cada sector!

Padre Luiz



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 39.500 exemplares